

26 OUT 1977

# Sarney julga Andrés Pérez

CORREIO BRAZILIENSE

Não se pode penetrar os critérios de avaliação empregados pelo Senador José Sarney para considerar a visita que nos fará o Presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, mais importante do que a do seu colega dos Estados Unidos, Jimmy Carter. Mas, mesmo assim, torna-se difícil discordar do representante do Maranhão no Senado. No primeiro plano da questão coloca-se, sem sombra de dúvidas, a prioridade que sempre nos mereceu nosso relacionamento continental. Mais do que isso, sempre damos a qualquer coisa latino-americana uma precedência ostensiva, mesmo em relação aos Estados Unidos.

Como negar a existência de convergências de interesses venezuelanos e brasileiros, quando, mais do que outra coisa qualquer, estamos estreitamente vinculados por uma mesma bacia hidrográfica. Não há como disfarçar ou ocultar a reciprocidade de interesses existentes entre nós.

Por uma determinação histórica, coube à Venezuela ser a vítima mais sacrificada da rapacidade das multinacionais de petróleo. A partir de 1906, os venezuelanos deram tudo quanto podiam para o monstruoso desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. Não receberam nada em troca. A não ser - é bom lembrar - a ditadura Gomez, a mais longa da história latino-americana, que se respaldava através dos mais torpes expedientes, a espoliação de seu mais precioso recurso natural.

É do diretor da INTAL, órgão do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Félix

Peña, a preocupação constante com a vulnerabilidade dos projetos de integração latino-americana. Antes de se chegar a um estágio da sua conscientização - é um dos seus temores - a exploração de conflitos e equívocos poderá separar os seus membros em favor dos interesses de potências extra continentais.

Com acerto lembrou também o Senador José Sarney a linha do Presidente Geisel, fincada nos dois esteios máximos da nossa política exterior, independência e soberania, retirando de Buenos Aires o Embaixador Azeredo da Silveira para tomar conta do leme do Itamarati. Outros da mesma Casa saberiam navegar os mesmos mares. Acontece, porém, que o atual Ministro conhece todos os baixios que circundam os problemas continentais.

Quando Nixon tomou emprestado a seu Secretário de Estado, Henry Kissinger, a observação de que "para onde se inclinasse o Brasil, forçosamente se inclinaria a América Latina", frase publicada no livro do Professor de Harvard - **The Necessity for Choice** - estava a ela dando novos valores políticos, que superavam (pelo desconhecimento dos seus ouvintes mais próximos) os seus próprios e iniciais.

Não é mais válido tentar explorar a vaidade dos nacionalismos sul-americanos para deles retirar proveito, como mil e uma vezes fez o Departamento de Estado nos últimos 150 anos.

A verdade é que a Venezuela, potencialmente o país mais rico do Continente, en-

contra-se num estágio de desenvolvimento econômico e social que não corresponde de nenhum modo ao desejável. Pérez Jimenez, seu ditador militar da década de 50, transformou Caracas em algo suntuário, porém se esqueceu de melhor distribuir a renda nacional, acentuando as distâncias entre ricos e pobres. A partir de então - ressalte-se - a Venezuela tem dado uma exemplar lição democrática e cada um dos seus chefes, através de programas ousados, procuram traçar novos rumos para o país, em busca de metas desenvolvimentistas.

Mas se pode avaliar o que foi esse relacionamento especialíssimo entre Caracas e Washington. A nação agrícola do Século XIX, que se sustentava no café e no cacau, transfigurou-se com o petróleo e passou a importar todos os enlatados **made in USA**, a fim de que jamais o prato da balança em que ela se encontrava pesasse mais do que a outra, onde se postavam os Estados Unidos.

Em termos de futuro, há a bacia amazônica entre a Venezuela e o Brasil, que é também o vínculo do setentrão, também de países do Pacífico - a Colômbia, o Peru, o Equador, o Chile e a Bolívia.

Tem razão o Senador maranhense. Não somente é mais importante a visita do Presidente Pérez como ela se torna urgente. O diálogo entre nós precisa ser travado com a maior rapidez. Não há dúvidas de que nos completamos. Andar juntos é importante para os membros deste Continente.

CORREIO BRAZILIENSE